



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 11/02/2022

CHINA	2
Proyecta aumento en la producción de carnes del 15% hacia 2025.....	2
Suspenden las importaciones desde LITUANIA por disputa vinculada con TAIWAN.....	2
BRASIL	2
Escasa oferta de novillos eleva precios e incrementa la demanda de vacas.....	2
Brasil alcanzó récord en sus exportaciones de carne bovina.....	3
Embarques se mantienen altos en el inicio de febrero.....	4
IBGE: faena de bovinos se redujo un 8,2% en 4º trimestre de 2021.....	5
Brasil supera en capacidad de producción a sus principales competidores.....	5
Autoridades darían subsidios por US \$707 millones a productores afectados por sequía.....	6
URUGUAY	7
Llovió, verdearon los campos y se valoriza el ganado.....	7
Este año la demanda por carne vacuna seguirá fuerte, consideró industrial.....	7
Con la habilitación de Egipto se abre la posibilidad de colocar carne de alto nivel.....	8
PARAGUAY	8
Mercado del gordo con baja oferta y precios que siguen al alza.....	8
Mercado de consumo con “menos oferta” y una “demanda que especula precios”.....	8
Mercado ruso está “bastante apagado” para la carne en feria ProdExpo Moscow.....	9
ESTADOS UNIDOS	9
Cuál es el futuro para la ganadería estadounidense?.....	9
Exportaciones de carnes bovinas aportaron UE \$10000 millones!.....	10
<i>Menores embarques hacia CHINA en el últimos de 2021</i>	11
Precios de las carnes continúan su escalada.....	12
USDA proyecta otorgar US\$1000 millones para incentivar la producción agropecuaria que reduzca o capture gases de efecto invernadero.....	12
Protestas en la frontera de Canadá dificultan el ingreso de carne enfriada.....	13
AUSTRALIA	13
Supermercados pagan precios records por animales engordados en feed lots.....	13
NUEVA ZELANDA: RECORD EN SUS EXPORTACIONES DE CARNES BOVINAS EN 2021	14
EMPRESARIAS	15
Tyson Foods: ganancias acrecentarán críticas por aumentos en los precios.....	15
Athena Foods queda dentro de Minerva Foods tras una revisión de la estrategia empresarial.....	16
Minerva Foods mapeó a la totalidad de sus proveedores directos en Paraguay.....	16
BPU en alianza con Montes del Plata hará la primera exportación de carne carbono neutral.....	17



CHINA

Proyecta aumento en la producción de carnes del 15% hacia 2025

11 de fevereiro de 2022 A China tem como meta uma produção de 89 milhões de toneladas de carne até 2025, um crescimento médio anual de 2,8% em relação às 77,5 milhões de toneladas produzidas em 2020, mostrou um documento do gabinete nesta sexta-feira.

A produção de carne suína permaneceria estável em cerca de 55 milhões de toneladas, acrescentou.

O documento, um plano de cinco anos para modernizar a agricultura, segue um plano emitido no mês passado para o desenvolvimento do setor pecuário nos próximos cinco anos.

Ele disse que o valor da produção da indústria de criação de porcos chegaria a mais de 1,5 trilhão de Yuanes (236 bilhões de dólares), com esforços feitos para aliviar as flutuações na produção e estabilizar a oferta.

A carne de aves atingiria 22 milhões de toneladas, a carne bovina atingiria 6,8 milhões de toneladas e de cordeiro 5 milhões de toneladas.

Tanto as aves quanto a carne bovina superaram esse nível em 2021, mas a produção de carne suína foi de pouco menos de 53 milhões de toneladas.

A produção de carne da China em 2020 foi significativamente afetada pelo vírus da peste suína africana que devastou fazendas durante 2018 e 2019.

Alguns especialistas duvidam que a China precisará de até 55 milhões de toneladas de carne suína no futuro, à medida que mais consumidores mudarem para outras carnes, como frango e carne bovina.

Suspenden las importaciones desde LITUANIA por disputa vinculada con TAIWAN

10 February 2022

Lithuanian exports to China fell 91% in December compared to December 2020

China has suspended imports of beef from Lithuania since Wednesday, the General Administration of Customs said, amid a growing trade spat with the Baltic nation and its Western allies centred on Chinese-claimed Taiwan.

Customs did not give a reason for the suspension, reported Reuters.

The agency typically halt imports of meat if exporting nations report outbreaks of disease in livestock.

Lithuania has not reported any animal disease to the World Organisation for Animal Health (OIE) recently.

The move comes, however, after Britain said on Monday it will join the United States and Australia in backing an EU trade case against China at the World Trade Organization over Beijing's alleged trade curbs on Lithuania.

The European Commission says Lithuanian exports to China fell 91% in December compared to the same month in 2020.

Lithuania allowed Taiwan to open a de facto embassy in its capital Vilnius last year, angering Beijing which regards the self-governed island as its own territory.

Chinese Foreign Ministry spokesman Zhao Lijian, declined to elaborate on the beef suspension, but said Lithuania should correct its mistakes.

"What Lithuania should do is face up to facts, redress its own mistakes, and come back to the right track of adhering to the one China principle, instead of confusing right with wrong," Zhao said, referring to China's policy demanding countries recognise Taiwan belongs to it.

Taiwan's Foreign Ministry condemned the latest Chinese move, which it called "unilateral" and "bullying" and the latest example of Beijing trying to change Lithuania's foreign policy.

"We firmly stand together with Lithuania," ministry spokesperson Joanne Ou told reporters.

China is the world's top importer of beef but shipments from Lithuania are minimal. China imported just 775 tonnes of beef from Lithuania in 2021, out of a total 2.36 million tonnes of beef imports that year, according to Chinese customs data.

Taiwan has stepped up its food imports from Lithuania to help ease the impact of Chinese curbs, most recently rum.

The first batch of 1,200 bottles sold out in less than an hour after going on sale this month.

BRASIL

Escasa oferta de novillos eleva precios e incrementa la demanda de vacas

Por: Denis Cardoso 10/02/2022 Consultorias relatam maior procura por animais com padrão exportação, o chamado "boi-China", que chega a receber em SP um ágio de até R\$ 20/@ em relação ao animal comum, direcionado ao mercado interno



Nesta quinta-feira, 10 de fevereiro, o mercado brasileiro do boi gordo seguiu operando com fluxo cadenciado de negócios, com os preços da arroba estáveis na maioria das praças do País, informam as consultorias que acompanham diariamente o setor pecuário.

Porém, no interior de São Paulo, o boi gordo voltou a ser negociado a R\$ 337/@ (valor bruto e a prazo), o que significou acréscimo de R\$ 2/@ sobre a cotação do dia anterior, segundo levantamento da Scot Consultoria.

“Após uma virada de mês com ofertas relativamente boas na praça paulista, nesta semana, devido à oferta mais enxuta, as escalas de abate dos frigoríficos ficaram um pouco mais curtas, cenário sustentado pela resistência da ponta vendedora nas negociações”, relata a Scot.

A novilha gorda também teve alta diária de R\$ 2/@, chegando a R\$ 327/@ no mercado paulista (preços brutos e a prazo), e o valor da vaca terminada seguiu estável, a R\$ 303/@, informa a Scot.

Dados da Agrifatto apontam para uma valorização maior para animais destinados ao mercado da China, que são abatidos mais jovens, geralmente com idade inferior a 30 meses. “Enquanto a oferta de boi gordo continua restrita, a demanda por animais que serão destinados à exportação se mantém aquecida, causando um maior diferencial entre o boi-China, que é vendido no mercado paulista na média dos R\$ 345-350/@, e o boi gordo comum que é negociado na casa dos R\$ 330/@”, informa a Agrifatto.

Na avaliação da IHS Markit, registra-se na maioria das praças brasileiras um fraco apetite das indústrias por animais destinados ao consumo doméstico.

Isso porque os resultados das vendas de carne bovina no mercado interno seguem com desempenho inconsistente, aquém das expectativas do setor, observa a consultoria.

“O mês de fevereiro avança e frustra as perspectivas de repiques de vendas de carne bovina no atacado, que seriam impulsionados pela entrada de massa salarial do período, bem como a retomada das aulas 100% presenciais e o início da volta presenciais dos trabalhadores durante pelo menos alguns dias da semana”, relata a IHS.

Com isso, continua a IHS, as indústrias continuam focadas em garantir boas margens operacionais e diminuir impactos negativos em seus custos de produção.

Neste contexto, um maior descarte de fêmeas por parte dos pecuaristas auxilia na formação das escalas de abate e diminui a pressão por oferta, o que possibilitou quedas nos preços da arroba da vaca nesta quinta-feira em algumas praças do País.

Foram registrados recuos de preços na região de Marabá (PA), com a arroba da vaca caindo de R\$ 281 para R\$ 276; no Triângulo Mineiro (MG), de R\$ 305 para R\$ 300; e na região de Belo Horizonte, de R\$ 300 para R\$ 296.

A IHS Markit também registrou baixa no preço da arroba do boi gordo em Colíder/Sinop (MT), recuando de R\$ 310 para R\$ 305.

Especialmente em Rondônia, as operações no mercado do boi gordo seguem travadas, segundo apurou a IHS.

As indústrias no Estado não possuem oferta suficiente de animais terminados para venda, impossibilitando o alongamento das programações de abates.

A dificuldade de compra da matéria-prima já forçou o fechamento de frigoríficos de menor porte, e retirou momentaneamente de operações frigoríficos maiores, informa a IHS Markit.

Plantas frigoríficas no Mato Grosso do Sul também seguem ausentes de operações, sobretudo aquelas que direcionam a sua produção ao mercado doméstico, relata a consultoria.

“Grupos de indústrias da região do MS concentram as operações apenas em unidades que operam com escalas maiores, e retiram as demais de operação”, observam os analistas.

Essa estratégia, informa a IHS, visa a concentração da operação em um número reduzido de plantas, de modo a acomodar as programações de abates em escalas mais confortáveis, atendendo as demandas pontuais e os clientes do mercado externo.

Estabilidade no atacado – Os preços dos principais cortes de carne bovina seguem estáveis no mercado atacadista, informa a IHS.

Cortes de carne desossada e dianteiros ainda seguem com ofertas acima da demanda, porém, neste momento, o mercado não expressa tendência de queda nas cotações, de modo a desovar os estoques remanescentes, avaliam os analistas da consultoria.

Brasil alcanzó récord en sus exportaciones de carne bovina

09/02/2022 Exportó alrededor de 140.500 toneladas de carne bovina en el mes pasado, un 10,7% más que las exportaciones de diciembre y un 31% más que en enero de 2021

Brasil alcanzó un récord en sus exportaciones de carne bovina en enero, lo que indica una recuperación en los envíos a China tras un período de suspensión de la actividad con el país asiático el año pasado.

Así señalaron los datos de la Secretaría de Comercio Exterior (Secex) del Ministerio de Economía.



Ese país exportó alrededor de 140.500 toneladas de carne bovina en el mes pasado, un 10,7% más que las exportaciones de diciembre y un 31% más que en enero de 2021.

Los ingresos por las exportaciones del producto llegaron a US\$ 727,7 millones, un 50,3% más que en enero de 2021.

El alza de las exportaciones también elevó los precios del ganado en el mercado interno, según el Centro de Estudios Avanzados en Economía Aplicada (Cepea).

Abrafrigo: exportação de carne bovina em janeiro cresce 46% em receita e 26% em volume

Por: ESTADÃO CONTEÚDO 04/02/2022 Segundo a Associação Brasileira de Frigoríficos, entre os 20 maiores clientes do produto brasileiro, 17 aumentaram suas importações

A receita com as exportações brasileiras de carne bovina in natura e processada avançou 46,3% em janeiro ante igual mês de 2021, para US\$ 803,6 milhões.

O volume foi 25,85% superior, totalizando 159.997 toneladas, informou a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), com base em dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia.

Segundo a Abrafrigo, entre os 20 maiores clientes do produto brasileiro, 17 aumentaram suas importações.

Por outro lado, a China, principal cliente do país, reduziu em 14,5% suas compras, passando de 79.896 toneladas em janeiro de 2021, para 66.101 toneladas em janeiro de 2022.

Pelo continente e por Hong Kong, o país asiático reduziu em 41,3% a importação no período em relação ao mesmo mês de 2021.

De acordo com a Abrafrigo, o crescimento mais expressivo foi nas vendas para os Estados Unidos. O país elevou suas aquisições em 526,3% no mês de janeiro, passando de 2,7 mil toneladas em janeiro de 2021 para 17,2 mil toneladas.

Depois dos EUA, o segundo maior importador da proteína bovina brasileira no mês passado foi o Egito. Segundo a entidade, o país adquiriu 18,8 mil toneladas, alta de 318,7% ante 2021.

A Rússia ocupa a terceira posição, com 5 mil toneladas, avanço de 184,8% na comparação com 2021. Em seguida, Emirados Árabes (+80,8%); Israel (76,9%) e Filipinas (+68%)

Embarques se mantienen altos en el inicio de febrero

Lygia Pimentel⁷ de fevereiro de 2022 Categorias As exportações de carne bovina in natura iniciaram fev/22 em ritmo acelerado. Durante a última semana, 39,66 mil toneladas da proteína bovina foram embarcadas para fora do país, o maior volume semanal desde a primeira semana de out/21, consolidando uma média de 9,91 mil t/dia – 48,14% superior à média de todo jan/22.

O preço médio mensal ficou em US\$ 5,45 mil/t, uma valorização de 5,30% ante a média de jan/22. Com isso, as vendas externas da proteína bovina nos quatro primeiros dias úteis do mês corrente consolidaram uma receita de US\$ 216,22 milhões, equivalente a 46,65% de todo o montante arrecadado com as exportações do produto em fev/21 quando a tonelada era avaliada em US\$ 4,54 mil.

As exportações de milho voltaram a recuar com a chegada de fev/22. Durante a última semana 94,57 mil toneladas do grão foram enviadas para fora do país, uma queda de 91,23% no comparativo semanal. A média diária de embarques do período ficou em 23,64 t/dia, 82,41% de queda ante a média de jan/22.

O preço médio pago pelo cereal ficou em US\$ 272,0/t, valorização de 11,31 % ante a média de jan/22. Com isso, as vendas externas nos primeiros 4 dias úteis de fev/22 totalizaram uma receita de US\$ 25,72 milhões, 31,61% inferior ao mesmo período no ano passado, quando a tonelada era avaliada em US\$ 217,90.

As importações de milho também diminuíram o ritmo neste início de mês. Durante a última semana 4,04 mil toneladas do grão atracaram em portos brasileiros, uma média de 1,01 mil t/dia – 86,95% inferior à média de jan/22.

O preço médio pago pela tonelada do cereal ficou em US\$ 222,64, queda de 5,83% no comparativo semanal. Com isso, para as compras internacionais de milho em fev/22 foram investidos US\$ 899,77 mil, o equivalente a 1,78% do montante destinado as negociações em todo o mês no ano passado, quando a tonelada era precificada em US\$ 174,70.

As exportações de soja perderam tração neste início de mês com 370,88 mil toneladas embarcadas, redução de 24,89% no ritmo diário de embarque comparado à semana retrasada, sendo 92,72 mil toneladas carregadas diariamente nos navios. O volume exportado na 1ª semana de fev/22 representa 14,02% de todo volume despachado em fev/21.

O grão foi vendido a um preço médio de US\$ 493,76/t, preço 2,27% inferior ao que foi registrado em jan/22. As vendas externas de soja nos 4 primeiros dias úteis do mês corrente consolidaram um montante de US\$ 183,13 milhões, o equivalente a 17,67% da receita arrecadada em todo fev/21 com as exportações da oleaginosa, quando a tonelada era avaliada em US\$ 391,60.



IBGE: faena de bovinos se reduziu un 8,2% en 4º trimestre de 2021

Por: Portal DBO 10/02/2022 De acordo com os dados preliminares, o número de cabeças de bovinos abatidas no trimestre foi de 6,77 milhões, enquanto os abates de suínos e de frangos registraram 13,29 milhões e 1,54 bilhão de cabeças, respectivamente

O abate de bovinos caiu 8,2% e o de frangos 1,2% enquanto o de suínos subiu 5,8% no quarto trimestre de 2021, na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo os resultados preliminares da Estatística da Produção Pecuária, divulgada hoje (10) pelo IBGE.

Os resultados completos para o quarto trimestre de 2021 e para as unidades da federação serão divulgados em 15 de março de 2022.

De acordo com os dados preliminares, o número de cabeças de bovinos abatidas no trimestre foi de 6,77 milhões, enquanto os abates de suínos e de frangos registraram 13,29 milhões e 1,54 bilhão de cabeças, respectivamente.

Já em relação ao terceiro trimestre do ano passado, o recuo no abate de bovinos foi de 2,5%. O abate de suínos caiu 3,2%, enquanto o de frangos teve variação positiva de 0,3%.

No 4º trimestre de 2021, do total de bovinos abatidos, o resultado preliminar aponta uma produção de 1,87 milhão de toneladas de carcaças bovinas, queda de 5,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e de 0,8% em relação ao apurado no 3º trimestre de 2021.

Brasil supera en capacidad de producción a sus principales competidores

Por: Denis Cardoso 09/02/2022 Entre os três grandes exportadores mundiais, o Brasil é o país com maior capacidade para atender a crescente demanda pela carne bovina

Neste momento, o Brasil, Estados Unidos e Austrália, três dos principais produtores e exportadores mundiais de carne bovina, vivenciam situações distintas na pecuária de corte.

O Brasil, líder absoluto nos embarques da proteína vermelha no mundo, seguirá elevando as suas exportações anuais, além seu rebanho de bovinos. Os abates brasileiros, que recuaram em 2021, também devem crescer este ano, apostam os analistas.

Enquanto isso, as exportações de carne bovina da Austrália atingiram, no ano passado, o menor patamar dos últimos 36 anos, reflexo de uma redução drástica de seu rebanho, que foi afetado duramente por uma longa estiagem.

No entanto, o país da Oceania está conseguindo reconstruir rapidamente o seu plantel, que, segundo estimativa da Meat & Livestock Australia, registrará um acréscimo 1,1 milhão de cabeças em 2022.

Com isso, segundo estimativa do USDA, os embarques australianos de carne bovina podem superar o patamar de 1,4 milhão de toneladas em 2022, um crescimento de 10% sobre o resultado obtido em 2021.

Por sua vez, os embarques de carne bovina dos EUA bateram recordes históricos de volume e valor em 2021, mas o seu rebanho bovino do ano passado sofreu uma redução acima da queda projetada inicialmente pelos analistas do setor.

Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o estoque total de 1º de janeiro de 2022, de 91,902 milhões de cabeças, recuou 1,88 milhão de cabeças, ou 2%, em relação ao contingente registrado em 1º de janeiro de 2021.

O rebanho bovino de corte dos EUA atingiu o pico em 2019, mas tem diminuído nos últimos dois anos, relata o economista Derrell Peel, da Oklahoma State University.

Dados publicados no Anuário DBO 2022, em circulação neste mês, mostram que o plantel brasileiro deve atingir novo recorde este ano, alcançando um efetivo de 230,4 milhões de cabeças, o que representaria um crescimento de 3% sobre o efetivo de 2021, de 223,7 milhões de cabeças, segundo estimativa da Scot Consultoria, de Bebedouro, SP.

As altas nos preços do boi gordo e do bezerro, além do crescimento nas exportações de carne bovina, contribuíram para o avanço do plantel brasileiro nos últimos anos.

Em artigo publicado pelo portal australiano da Beef Central, o analista Steve Kay, editor do boletim Cattle Buyers Weekly, diz que a pecuária de corte na Austrália e nos EUA está se movendo em direções opostas.

Como já mencionado, o rebanho australiano está em plena reconstrução, mas as exportações de carne bovina do país tiveram desempenho ruim em 2021 e ficaram bem abaixo de 900.000 toneladas, o seu nível mais baixo em pelo menos 36 anos.

Em janeiro último, os embarques da Austrália caíram para um dos volumes mensais mais baixos já registrados em sua história, depois que a variante ômicron (da Covid-19) se espalhou entre os funcionários dos abatedouros, afetando a produção dos frigoríficos.

SAIBA MAIS | Carne bovina: vendas da Austrália têm um dos piores desempenhos da história no 1º mês de 2022



Em contraste, a seca em partes das áreas de pecuária dos EUA e os altos custos em relação aos preços do bezerro levaram a um corte maior do que o esperado no rebanho bovino norte-americano em 2021.

Os números em declínio refletem um terceiro ano de liquidação do rebanho bovino dos EUA, com perspectivas de um quarto ano de abates excessivos em 2022, segundo os relatos de Steve Kay publicados no portal da Beef Central.

Porém, com a redução do rebanho, os preços de todas as categorias de bovinos devem subir nos EUA ao longo deste ano, favorecendo o bolso dos pecuaristas norte-americanos, afirmam os analistas.

Segundo estimativa do economista Derrell Peel, da Oklahoma State University, os preços do gado norte-americano devem subir entre 8% e 12% em média este ano.

Segundo a Federação de Exportação de Carne dos EUA (USMEF), os embarques norte-americanos atingiram patamares recordes em 2021, superando a casa dos US\$ 10 bilhões em faturamento.

O atual presidente da USMEF, Mark Swanson, disse que “todos os setores ligados à carne bovina se beneficiaram com o avanço das exportações norte-americanas e com o aumento de dólares fluindo de volta para a cadeia de suprimentos”.

Em volume, as exportações de carne bovina dos EUA totalizaram em torno de 1,5 milhão de toneladas no ano passado, um aumento de 16% em relação ao resultado de 2020.

De acordo com avaliação do analista Steve Kay, os volumes de exportação de carne bovina dos EUA provavelmente permanecerão altos pelo menos ao longo do primeiro semestre de 2022. No entanto, diz ele, o menor rebanho bovino e a redução na safra de bezerras afetarão a capacidade dos EUA de manter os seus níveis de exportação alcançados em 2021.

“Essa é uma boa notícia para a indústria australiana, principalmente considerando as vendas para o Japão e a Coreia do Sul (dois dos mercados mais importantes para os EUA e a Austrália, e onde o Brasil ainda não tem acesso)”, afirma o analista.

O último relatório do USDA mostrou que o número de vacas de corte dos EUA caiu 719.000 cabeças (ou 2,3%) em 2021, para 30,125 milhões de cabeças. Trata-se do menor patamar desde 2015.

Estiagem continua – Cerca de 70% das áreas de pecuária dos EUA sofrem atualmente com a seca, incluindo parte do Texas e Oklahoma, onde a estiagem é mais severa e generalizada.

Segundo economista Derrell Peel, da Oklahoma State University, a seca não é uma novidade nos EUA. A grande diferença agora é a sua localização. “A seca mais severa do ano passado foi nas Dakotas, no leste de Montana e Nebraska, o que levou muitos produtores a liquidar rebanhos e causou impactos em todo o país, mas nada que fosse realmente grave”, relembra ele.

Porém, continua Peel, a seca mudou-se para Oklahoma, Texas e Kansas, onde reside mais de um quarto do rebanho bovino de corte dos EUA, locais que registraram pouca estiagem no ano passado.

“Um cenário de seca semelhante ocorreu em 2011, quando 1 milhão de vacas de corte foram liquidadas em um ano”, recorda o economista, que acrescenta: “Estamos vulneráveis a outra liquidação adicional significativa”.

Lugares que tiveram seca no ano passado liquidaram vacas suficientes para sobreviver neste inverno. Ainda assim, se as condições de seca persistirem, pode haver ainda mais fazendas que serão forçadas a liquidar.

Cerca de 3,5 milhões de vacas de corte foram abatidas nos EUA em 2021. Peel acha que a seca adicionou mais de 350.000 vacas a esse total. O abate total de gado aumentou de 3,2% no ano passado em comparação com 2020.

“Os números de abate de novilhos e novilhas cresceram, e o abate de vacas de corte aumentou 9%, um sinal claro de liquidação do rebanho”, ressaltou Peel.

A safra de bezerras de corte dos EUA atingiu o pico em 2018, e o rebanho bovino chegou ao seu patamar máximo em 2019. Isso é um sinal claro de que, mais cedo ou mais tarde, haverá uma redução no número de bovinos que passam pelo sistema, relata o economista (Fontes: portais da Beef Central e Beef Magazine).

Autoridades darían subsidies por US \$707 millones a productores afectados por sequía

Source: Reuters 10 February 2022 The subsidies are on top of its initial allocation, which ran out amid sharp interest rate hikes

Brazil's government plans to unveil 3.7 billion reais (\$706.73 million) in fresh agriculture subsidies after its initial allocation for the sector ran out amid sharp interest rate hikes, according to a source involved in the plan.

The source, who spoke to Reuters on condition of anonymity, said the government will soon sign an executive order announcing 800 million reais that will be allocated as credit to climate-affected producers in the south of the country, as well as farmers in the state of Mato Grosso do Sul.

Another 2.9 billion reais will be earmarked for subsidized loans to producers after the Treasury announced the suspension of these operations this week.



However, the funds for the subsidized loans are reliant on a bill that has yet to be sent to Congress, said the source, adding that the government is still studying what it can cut from this year's budget to accommodate the new spending.

Brazil's central bank has unleashed the world's most aggressive monetary tightening cycle to combat double-digit inflation. Last week it raised rates to 10.75% in its eighth consecutive hike since departing from record lows of 2% in March last year.

The rise in interest rates has burned through the government's subsidy pot, as it pays banks to make loans cheaper for producers. As rates go up, the government must pay more to the banks to maintain the low rates for the producers who have contracted the loan.

URUGUAY

Llovió, verdearon los campos y se valoriza el ganado

08/02/2022 Aumentó el precio de todas las categorías gordas

La primavera ingresó de la mejor forma al territorio y pintó de verde los campos del país. Juan Ignacio Bove, El mercado de hacienda gorda viene con mucha firmeza y, más allá de los buenos números de la exportación con valores promedios récord por tonelada y enormes los volúmenes de colocación de carne, las lluvias han hecho lo suyo y los ganados van mejorando poco a poco su terminación.

En la reunión semanal de precios de referencia de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) hubo un aumento en los valores de la hacienda gorda con destino a faena en casi todas las categorías. "Se mantiene el buen nivel de faena con alta participación de ganado de corral. A pesar de esto, continúa un mercado dinámico en entradas y valores que verifica su firmeza", indicó la ACG tras el encuentro de este lunes. Así, el novillo aumentó a US\$ 4,55 por kilo carcasa; la vaca subió a US\$ 4,23; y la vaquillona subió a US\$ 4,35.

El mercado del gordo está desde hace algunas semanas con una flecha para arriba, producto de lo que fueron las lluvias a nivel general del país. "Si uno recorre el país se ve la primavera que no tuvimos; aunque aún hay zonas en donde la situación sigue siendo crítica, como en Artigas, Salto y parte de Rivera", comentó Christopher Brown, director de Agro Oriental.

Brown informó que los campos están con "una disponibilidad de pasto impresionante" por lo que los productores están terminando los ganados. "Desde fines del año pasado se venían aliviando los campos; se embarcó ganado al frigorífico con terminaciones justas, o hasta faltando. Eso, sumado a las buenas lluvias, genera una escasez de ganado bien terminado", dijo.

A su vez, la industria está con un nivel de compras "interesante", demandando todas las categorías y con entradas cortas. Eso se refleja en las correcciones al alza.

Según el Instituto Nacional de Carnes (INAC), en la semana al sábado 5 de febrero se faenaron 53.951 cabezas que fueron, 27.261 novillos, 17.307 vacas y 8.447 vaquillonas.

A propósito, Brown indicó que la vaca, dependiendo de las carcasas y terminaciones, cotiza de US\$ 4,20 a US\$ 4,30, en donde un ejemplar muy pesado, de buena terminación y con volumen supera estos valores. El novillo, en tanto, cotiza de US\$ 4,60 a US\$ 4,70 los de punta. Es, además, la categoría más demandada y la que más escasea.

Este año la demanda por carne vacuna seguirá fuerte, consideró industrial

por Cecilia Ferreira febrero 9, 2022

Se espera que la demanda por carne vacuna siga firme este año, así como los altos volúmenes de faena, consideró el asesor de BPU Meat, Daniel de Mattos.

Avanzar en la apertura de mercados es clave. A principios de febrero el canciller Francisco Bustillo tuvo un encuentro virtual con su par de Japón, Hayashi Yoshimasathe. Entre otros temas, Uruguay consultó a Japón sobre el Tratado Transpacífico y los procesos de incorporación de nuevos miembros.

Que Uruguay pueda sumarse al Acuerdo Transpacífico "sería un cambio cualitativo muy importante", dijo de Mattos, considerando que la demanda estructural de proteína animal y en especial de carnes rojas desde hace años se viene volcando a la demanda asiática: China, Japón y Corea, y el Sudeste Asiático. "Poder subirse al Acuerdo Transpacífico parece ser una de las opciones que nos permite acceder a ese mercado de tan alta demanda de forma rápida", señaló a Tiempo de Cambio de radio Rural.

Para el industrial, en ese escenario, Japón y Corea son dos de los mercados más interesantes que levantarían aranceles y en los que Uruguay podría quedar en similares condiciones frente a competidores directos como Australia y EEUU.

Si hay una consolidación de apertura de mercados, "en este rubro, que es el principal de exportación de Uruguay, el techo de producción va a ser otro y el techo de precios se va a estabilizar en lo que es el de ganaderías de primer nivel como EEUU y Australia".



“Uruguay tiene que seguir insistiendo en mejorar la calidad de acceso a los mercados”. Por ejemplo, en China, donde se perdió el ingreso de algunos productos a partir de la firma del último protocolo en 2018, apuntó de Mattos.

Para este año el industrial espera niveles de faena similares al año pasado o levemente superior y ve las 2,7 millones de cabezas como una cifra alcanzable. “Creo que va a haber alguna afectación en el flujo de entrega de esos animales y los pesos de entrega”, evaluó. “Es probable que reconstruyamos la faena en números altos para el segundo

Con la habilitación de Egipto se abre la posibilidad de colocar carne de alto nivel

09/02/2022 La semana pasada unos 23 frigoríficos nacionales fueron habilitados a exportar carne vacuna, ovina y avícola a Egipto

Unos 23 frigoríficos nacionales fueron habilitados a exportar carne vacuna, ovina y avícola a Egipto. A propósito, Ragi Samy, director de Mirasco, sostuvo que luego de muchos años la carne uruguaya ingresará a este mercado, al que se le puede enviar carne de primera calidad y ganado de feedlot madurado para cadenas de hoteles cinco estrellas.

Egipto compra carne de India, Brasil y Colombia, pero importará cortes finos de Uruguay. “Por ahora no vamos a competir con cortes delanteros”, dijo en Valor Agregado de radio Carve.

Todo lo que se exporta a este destino debe ser con el rito halal. Hay una certificadora de Egipto que realiza la supervisión para los frigoríficos, así como también veterinarios egipcios y religiosos.

No existe la cuota, sino que es un mercado libre.

“Este tipo de carne es cara, la competencia es australiana y estadounidense. No competimos con Brasil o Colombia en estos cortes. Brasil vende el lomo por US\$ 9; nosotros lo compramos por US\$ 14 o US\$ 15”, comentó Samy.

Ovino. Por primera vez, desde hace más de 30 años, Uruguay podrá exportar ovino con hueso para Egipto, pero recién se están entablando los negocios de compra dado que escasea la mercadería. Es todo con hueso y entran unos seis u ocho cortes por caja. Además, el exportador aseguró que “no hay dificultad” de colocar el ovino adulto.

“Es un mercado atractivo como China para el ovino. Se paga el precio de mercado porque no hay ovinos, esa es la pura verdad. Creo que es bueno el precio para el productor, pero es cuestión de cómo está el mercado”, indicó.

Rusia. Sobre el mercado ruso hizo referencia a que “está movido” y que en carne está firme y se está trabajando bien. Rusia ha desarrollado su propia línea de producción y compra toda la carne que puede de Paraguay y Brasil. Por esa razón a Uruguay le compra la menudencia, lengua e hígado.

China. Consultado por la situación de China, el exportador señaló: “Espero que mantenga la fuerza que tiene. No creo que suba, pero es mejor mantener este precio al menos durante los próximos tres o cuatro meses”.

PARAGUAY

Mercado del gordo con baja oferta y precios que siguen al alza

11/02/2022 GANADERÍA El mercado de haciendas gordas para la exportación “está caliente”, dado que “no hay oferta” de animales terminados y la competencia entre plantas por materia prima es importante, lo que se refleja en los precios de compra, indicó un operador. Al cierre de la semana, la fuente contó a Valor Agro que las cotizaciones de las categorías de gordo volvieron a aumentar y la tendencia se mantiene alcista. Posicionó las referencias del macho (novillos y toros) entre US\$ 3,80 y US\$ 3,85 por kilo carcasa, las vaquillas en US\$ 3,75 y las vacas en US\$ 3,60 a la carne. Desde el sector industrial dijeron a Valor Agro que la disponibilidad de gordo “no es abundante” y “la competencia está dura” para cumplir con las faenas. El operador señaló que la mayoría de las plantas están comprando hacienda con entradas para la semana siguiente, sin embargo hay otras que están con ingresos inmediatos.

Mercado de consumo con “menos oferta” y una “demanda que especula precios”

09/02/2022 GANADERÍA

Como es tradicional, el inicio del periodo de vacunación contra la fiebre aftosa en bovinos el pasado 31 de enero está incidiendo en la oferta de hacienda en las ferias de consumo, en medio de una coyuntura climática que está dando señales de recuperación luego de los últimos episodios de lluvias. A pesar de la menor disponibilidad de animales, el rematador de El Rodeo, Álvaro Llano, comentó a Valor Agro que la demanda mantiene especulaciones de precio, ya que hay muchos campos sentidos por la falta del agua. Con mayor oferta de hembras, Llano dijo que las vacas de buena calidad se están pagando entre Gs. 10.800 y Gs. 11.500 por kilo, con lotes especiales a precios máximos de Gs. 12.200. Ubicó el valor de



las vaquillas entre Gs. 11.500 y Gs. 12.800 por kilo, y de los machos entre Gs. 12.000 y Gs. 13.200. Estimo que el mercado se podría mantener con esta tendencia para las próximas tres semanas, siempre y cuando se acomode la situación climática. “Lo normal sería que a una menor demanda suban los precios, pero es importante que el mercado interno tenga salida”, cerró.

Mercado ruso está “bastante apagado” para la carne en feria ProdExpo Moscow

10/02/2022 MERCADOS

El pasado lunes inició una nueva edición de la feria ProdExpo Moscow, en un marco de incertidumbre en la región por la tensión que persiste sobre un potencial conflicto entre Rusia y Ucrania. Un trader regional de carne, que su empresa participa en la feria, indicó a Faxcarne que el objetivo de la presencia es para reforzar los vínculos con clientes. Sin embargo, aseguró que el mercado está “bastante apagado” y “sin gran expectativa” de cerrar negocios por volúmenes importantes. La feria culminará este viernes 11 de febrero. Rusia es el segundo mayor mercado para la carne bovina de Paraguay. En el primer mes del año los frigoríficos exportaron al país euroasiático 4.398 toneladas de carne, un 11,3% menos en comparación con igual mes del año pasado. A pesar de la baja, el precio promedio de la tonelada exportada aumentó un 5% hasta US\$ 3.697 por tonelada.

ESTADOS UNIDOS

Cuál es el futuro para la ganadería estadounidense?

We're generally positive in terms of the US cattle outlook. There's a lot of optimism right now about the consumer and the opportunity that they present for beef. They've done quite well with it, in terms of what we're seeing from a market response leading into 2022. There's a little bit of concern about higher grain prices and how that's going to impact the market.

As we transition into the marketing year, we'll have stronger meat prices which will determine some of our consumption that has grown last year. But overall, when you look at clearance, it's been relatively positive. Looking at the export market, there's quite a bit of optimism with additional opportunity that's come into play in the last few years.

China helping to support the US beef market?

When you think about specific markets, China has been one of those that US beef hasn't necessarily had strong interest in before. However, in the last year and a half, we've seen that export opportunity really grow. It looks like it's going to hold on, but that cannot necessarily be said for all the proteins that The US focuses on.

The poultry industry regained access to China's markets in the last year and a half as a part of the Phase One Trade Agreement. Pork has kind of trailed off a little bit in terms of the export opportunity, but a lot of that was tied to African swine fever and the rapid decline in China's pig herd. China's swine population has rebounded significantly. Looking at the most recent numbers, they showed about an 18% rebound in China's swine population last year. Overall, in terms of the opportunity from protein into China, it looks relatively robust.

Other opportunities - Japan is still a major export destination for US beef. Korea has grown in terms of an opportunity, but also Latin America has kind of popped up as a good key export destination for the US in the last few years.

What's driving the opportunity in Latin America?

The travel industry had some difficulty in 2020. But it's rebounded there and that appears to be part of the driver that's providing the opportunity for US beef.

The rising middle class plays a part, but you're also seeing diversification in terms of export opportunity. It has become more of a key destination, and proximity has something to do with it as well. Pork and poultry have long been a key destination for exports to Mexico, and they've been a good partner overall for the other side of the business. So, that does bode well looking forward.

Circling back to the US market, do you feel like profitability is going to continue for producers?

It's been a difficult 24 months thinking about the producer aspect, but the processing sector has also seen some strong challenges related to COVID-19 and plant fires. Cybersecurity issues also popped up last year, so there have been challenges in terms of working through the peak of the cattle supply situation.

Moving into 2022 and throughout the year, it does look like we're set for a shrinking cattle supply in the US. Processors appear to be caught up and are relatively current with what's in the feedlot. Overall, there's still some optimism in terms of the returns that cattle feeders are going to see in 2020. Some of the dollars being spent at the retail space should start to transition back into the cattle market, primarily when we get into the grilling season, so we'll see another shift in demand at that time.



The Biden administration has announced it will offer funds to help build small to medium size packing plants. How might that impact the market?

If you look at the long-term trend over the last 20 years, we've seen the packer community actually shrink. There's an opportunity right now, given the processing constraints, to add back some of that capacity. Over the next few years, I mentioned we're going to see a decrease in the cattle supply, and that coincides with the need for additional processing capacity. Looking at the Saturday kills, it's been evident that we are pressuring what these processing plants can push through. There's actually some strong profitability in the packing community which has the opportunity to bode well for the industry.

Traditionally - about 30 to 40 years ago - there were a lot of niche processors or smaller packers. If you look at social media, it does show that there's an attraction from the consumer to go back to some of these niche processors, so this does look like an opportunity. There are different marketing channels that are being utilized now like direct ship to home of some beef with its own marketing behind it or its own characteristics that consumers look or gravitate toward, like a branded program will do well in that sort of environment.

Exportaciones de carnes bovinas aportaron UE \$10000 millones!

By GREG HENDERSON February 8, 2022 For the first time, U.S. beef exports have exceeded \$10 billion in sales, shattering the previous record by 27%. Pork exports finished slightly below the record volume reached in 2020 but set a new value record, topping \$8 billion for the first time.

Those eye-popping numbers come from the year-end data released by USDA and compiled by the U.S. Meat Export Federation (USMEF).

In December, beef exports totaled 121,429 metric tons, up 1% from a year ago, and value climbed 33% to \$991.8 million – the third largest month on record, according to USMEF. Total volume in 2021 was 1.44 million metric tons, up 15% from 2020 and 7% higher than the previous record set in 2018. Export value soared to \$10.58 billion, up 38% from 2020 and shattering the previous record by 27% set in 2018.

Beef exports to Korea, Japan and China/Hong Kong each exceeded \$2 billion, setting new volume and value records in Korea and China/Hong Kong and a value record in Japan. Exports also set a new value record in Taiwan and reached new heights in Central America, Colombia and Indonesia. Global exports of U.S. beef variety meat also set a new value record of \$1.09 billion, up 24% year-over-year.

"The beef export results are truly remarkable, especially considering the COVID-related obstacles in the global foodservice sector and all the supply-side and logistical challenges faced by the U.S. industry," said USMEF President and CEO Dan Halstrom. "Obviously our large Asian markets accounted for much of the growth, but it really takes broad-based global demand to reach these impressive levels. So this success story is not just about Korea, Japan and China – but also a strong performance in Taiwan, excellent growth in Central and South America and a rebound in Mexico and Southeast Asia."

For pork exports fell 17% in December to 215,872 metric tons, valued at \$604.3 million, down 12%. For 2021, export volume was 2.92 million metric tons, down 2% from the 2020 record, but export value still climbed 5% to a record \$8.11 billion.

Record-large pork exports to Mexico, Central America, the Dominican Republic, Colombia and the Philippines helped offset a decline in demand from China in 2021. Exports also increased to Japan and South Korea, including larger volumes of chilled pork. Global exports of U.S. pork variety meat set a new value record of \$1.24 billion, up 19% year-over-year.

"Entering last year, we knew it would be a daunting task to match the record level of pork exports reached in 2020 because of the recovery in China's swine herd and its rising domestic pork production," Halstrom said. "But the U.S. is less dependent on China than other major pork exporters, and this is definitely reflected in the 2021 results. Even with shipments to China falling nearly 30%, total U.S. exports posted a very strong performance thanks to outstanding growth in Latin America and other key markets."

07 February 2022

Dan Halstrom, CEO and president of the US Meat Export Federation (USMEF) shared expectations for total 2021 beef exports along with new, emerging markets at the NCBA conference in Houston, Texas, USA.

Beef exports had a very strong year and while the final December data is not yet in for 2021, USMEF says beef exports will hit a record - up about 16% to 17% in volume. But the real story is on the value side.

"We're we're going to be up well over \$10 billion in sales, which is a record by over \$2 billion for the year. The exciting thing about it is not so much the numbers as it is that it's not any one country - we have broad-based growth from a variety of regions of the world," he said. "We've got Japan, Korea and China. We've also got Latin America, Mexico, Central America, but you've also got places like Indonesia that are up quite a bit along with places like Columbia and South America. We're seeing middle classes emerge throughout the world, and these are middle classes that can afford our products. It's a formula for success right now."



Emerging export markets for US beef

"You start with Central and South America as two of the leading regions - that three or four years ago we really weren't focusing on them much - but now you add up those regions and it's significant business, including hundreds of millions of dollars a year," said Halstrom.

What's really driving emerging markets is more spending power. With increased incomes, consumers want higher quality food.

"I think other regions with emerging export markets would be Southeast Asia - Indonesia, Singapore, this general region and the Philippines," he said. "Another area we don't talk much about is Africa - the whole continent of Africa - but specifically south and west Africa, like Angola, South Africa and Ghana. These areas are taking a lot of variety meats today, but they're starting to get a taste for some of the muscle cuts as well. We're going to be talking about these regions in the years to come."

Value of US beef

Why is the US one of the top beef exporters globally?

"We're a world leader in reputation when it comes to food safety, and then you put on top of that, the rich grain finished taste of US beef," said Halstrom. "We don't claim to be the cheapest nor do we want to be, but we're seeing a world that's able to pay for quality even in some of these emerging regions. I think we're well positioned as high quality, rich in taste."

Halstrom said another benefit of US beef is the US ability to send different cuts of beef to different parts of the world. In Asia, they're looking for cuts from the front quarter, the chuck and the very marbled pieces of the carcass, along with the navel and the brisket area are very popular for certain cuisines in Asia. Latin America prefers more lean cuts like the sirloin.

"It's all about putting the right cuts in the right market to maximize value," he noted. We really can't stop talking of this until we talk about variety meat. We're gonna export over \$10 billion this year in 2021, and over \$1 billion or more than 10% is variety meat. This is like livers going to places like Egypt and Angola; tongues going to Japan; tripe going to Latin America. Putting the right cut in the markets help to drive some of this \$465 value per head."

China exports surge in 2021

There's no doubt that China is one of the successes of 2021 for the US. The Phase One Agreement with China was made exporting beef much simpler and more transparent, and the US supply chain is able to capitalize on the opportunity.

If you fast forward to two years post-implementation, China and Hong Kong combined have taken about \$2 billion pounds of beef in 2021. When asked if this level is sustainable, Halstrom said the growth rate is expected to slow down a bit, but it should continue to grow.

"I think you're going to see good growth potentially the next several years into China," he explained. "The other thing is that our products are rich, grain finished taste is unique in China. There's a little bit of long fed beef going out of Australia and China, but otherwise there are no other competitors. So it's somewhat of a new segment. As the Chinese market gets more of an appetite and more exposure to US beef, it'll help sell itself."

Menores embarques hacia CHINA en el últimos de 2021

Source: Reuters 09 February 2022

The decline cements 'Phase 1' purchases shortfall

US goods exports to China fell in December, cementing a \$45 billion increase in the 2021 US-China trade deficit and a major two-year shortfall in Beijing's purchase commitments under the "Phase 1" trade deal negotiated by former President Donald Trump, reported Reuters.

The US Census Bureau said on Tuesday that the United States' goods trade deficit with China rose 14.5% to \$355.3 billion, the biggest since the 2018 record of \$418.2 billion. The 2020 gap was \$310.3 billion, a 10-year low.

US imports from China in 2021 jumped by \$71.6 billion over 2020, or 16.4%, to \$506.4 billion, their highest since 2018. Exports to China increased by \$26.6 billion, or 21.3%, to a record \$151.1 billion.

The global US trade deficit in 2021 surged 27% to a record \$859.1 billion.

But the increase in 2021 US exports to China was not enough to meet China's targets for increased goods purchases under the "Phase 1" trade deal signed in January 2020 to halt escalation of a tariff war on Chinese goods launched by Trump in 2018.

In the deal, Beijing agreed to increase purchases of US farm and manufactured goods, energy and services by \$200 billion above 2017 levels over two years, among other market access commitments. The purchases commitments expired at the end of 2021.

Deputy US Trade Representative Sarah Bianchi said last week that it was "really clear that the Chinese haven't met their commitment in Phase 1" and the Biden administration was working with Chinese officials to address the matter.



US officials also told Reuters early on Monday that they were losing patience over China's failure to close the shortfall in its purchase commitments.

Through November, China had met only about 60% of its goods purchases goal, according to trade data compiled by Peterson Institute for International Economics senior fellow Chad Bown. The decline in US exports to China in December shows that China did not make up any ground in the final month of 2021.

Precios de las carnes continúan su escalada

Agence France-Presse February 10, 2022

"Too expensive," said Lisa, a 48-year-old mother, as she left a Giant supermarket in Washington.

In the United States, land of barbecues and steakhouses, beef is becoming a luxury.

Overall consumer prices rose by seven percent over the course of 2021, an inflation rate not seen since 1982, and the data for January, due out Thursday, is expected to show the yearly increase continued.

American shoppers saw prices for meats, poultry, fish and eggs jump 12.5 percent last year, while beef has soared by as much as 23 percent, depending on the cut.

On the shelves of the Giant grocery store in the Van Ness neighborhood of Washington, only ground beef remains affordable for Lisa, mother of three teenagers, who declined to provide her last name.

"I buy mostly chicken and sausages. Sometimes ground beef," she said.

Prices for a quality cut of beef can cost up to \$24.99 a pound (21.85 euros for 453 grams) while a butcher shop in the swanky Georgetown neighborhood charges \$13 more for the same steak.

Jayson Lusk, head of the department of agricultural economics at Purdue University in Indiana cited "a variety of factors that are combining to push food prices higher."

Consumption has been boosted by high savings rates -- swelled by government aid -- for Americans largely stuck at home during the pandemic.

And "foreign buyers of US meat, particularly China, have exhibited strong demand alongside strong domestic consumer demand," Lusk said.

At the same time, wages in the meatpacking industry have increased by almost 20 percent since the start of the pandemic amid a nationwide worker shortage that also has impacted manufacturing and transportation, he said.

Tyson Foods, the largest meat processor in the United States, this week justified its price increases by saying it had to offset rising costs for labor to satisfy demand that continues to outstrip its capacity.

Over the last three months of 2021, Tyson raised beef prices by an average of nearly 33 percent compared to the same period of 2020, while the company's profits far exceeded expectations.

Now with savings dwindling and prices soaring, eating a steak is out of reach for many low-income families.

"If you're shopping for a family, I'm sure it has an impact," said Jay Smith, another Giant customer who said he only buys for himself.

"I already buy less meat and I wait to see if something comes on specials," Smith said. He added that he buys mostly chicken -- admitting a preference for fried chicken.

Concern for Joe Biden

Spiking prices have undermined President Joe Biden's popularity, and the White House has mobilized to tamp down the increases, including rising beef prices, and rejected the idea that the pandemic is the sole culprit.

The White House calls the meatpacking and processing industry a "textbook case" where lack of competition hurts consumers. In the \$213 billion industry, just four companies control 85 percent of beef processing and 54 percent of poultry.

The Biden administration last month launched an investigation into price fixing, along with a plan to try to alleviate the price hikes.

In the meantime, restaurants are adapting at the expense of their customers.

"Half of operators we surveyed in January have already reduced their menu size and raised menu prices in response to the challenges they are currently facing," said Sean Jafar of Dataessentials, which tracks some 5,000 menus representing a wide range of American restaurants.

And more plan to take similar steps.

Americans remain among the biggest consumers of beef in the world. They ate 59.1 pounds (26.81 kg) a person last year, up from 58.4 pounds in 2020.

Smith said the rising prices might be "a good opportunity to eat more healthy."

USDA proyecta otorgar US\$1000 millones para incentivar la producción agropecuaria que reduzca o capture gases de efecto invernadero

Source: Reuters 08 February 2022

The funding will support pilot projects that reduce greenhouse gas emissions or capture and store carbon



The US Department of Agriculture will invest \$1 billion in pilot projects that promote farming, ranching and forestry practices that cut greenhouse gas emissions or capture and store climate-warming carbon, USDA Secretary Tom Vilsack told Reuters.

The agency is due to announce the Partnerships for Climate-Smart Commodities program later on Monday.

The program will tap funds from the USDA's Commodity Credit Corporation, which provides up to \$30 billion annually from the US Treasury to help stabilize agricultural product prices and support farm income. The investment is the latest Biden administration initiative aimed at combating climate change, with a goal to cut the farm sector's greenhouse gas emissions in half by 2030 and put the United States on a path to net-zero emissions by 2050.

Qualified projects could include initiatives that cut or capture methane emissions on dairy farms or programs which expand the use of farming practices that soak up more climate-warming carbon from the atmosphere and store it in the soil.

Expanding such practices could raise the value of US farm products as food companies and exporters increasingly push to decarbonise their supply chains, Vilsack said.

"We think there is an emerging opportunity here, as consumers demand more sustainably produced food here in the United States and certainly in the export market," he told Reuters in an interview.

Some climate-focused initiatives have struggled to scale up as costs often exceed returns.

"This program ... can essentially reduce the risk to farmers so that they can learn how to do it and see the positive results," Vilsack said.

Funding will be awarded to qualified public and private entities including state and local governments, non-profits, small businesses, tribal governments and organizations, and colleges and universities.

Applications seeking grants from \$5 million to \$100 million are due by 8 April, while those seeking smaller grants are due 27 May.

Protestas en la frontera de Canadá dificultan el ingreso de carne enfriada

por Javier Lyonnet febrero 2, 2022

El Consejo Canadiense de la Carne denunció que 150 camiones cargados de carne enfriada, con destino a los EEUU, quedaron atrapados en la frontera por las protestas de camioneros contra las medidas sanitarias impuestas por el gobierno de Justin Trudeau que este miércoles cumplieron su quinto día.

El bloqueo del tránsito no solo afecta el comercio entre Canadá y EEUU sino que los efectos se extienden al proceso industrial, que ya debió reducir operaciones, indicó el Consejo Canadiense de la Carne.

Los camioneros rechazan la imposición del gobierno de que, luego de cruzar a EEUU, deben presentar un test PCR negativo a Covid-19 a su regreso a Canadá. Y guardar cuarentena en el caso de los trabajadores que no estén vacunados.

Las protestas contras las medidas sanitarias se extendieron a otros sectores y paralizaron la capital Ottawa, el fin de semana.

Estados Unidos es el mayor importador de carne canadiense y según los voceros de la industria, cualquier interrupción del comercio de carne entre ambos países tendría graves consecuencias para el procesamiento en Canadá y el abastecimiento para el consumo en algunas ciudades de EEUU.

La protesta agrava la situación de las cadenas de suministro, bajo presión debido a las interrupciones climáticas, la escasez de mano de obra, los retrasos en las entregas y los costos de flete más altos.

La Policía Montada de Canadá ha dicho que la protesta es ilegal, pero los intentos por despejar la frontera han fracasado. La medida ya está teniendo un «impacto material» en la economía de Canadá.

AUSTRALIA

Supermercados pagan precios records por animales engordados en feed lots

Jon Condon, 10/02/2022

THE relentless rise in feeder cattle prices over the past 12 months has pushed forward contract prices on Coles and Woolworths domestic slaughter cattle well north of 1000c carcass weight in recent weeks, making them arguably the most expensive cattle in Australia, barring Wagyu.

For May delivery, Beef Central understands that Woolworths is currently paying contract-holders around 1005-1010c/kg carcass weight for typical 70-day steers, and Coles, around 1030c/kg for HGP-free, vendor-bred cattle, depending on location.

Both are all-time records, and continue a gradual appreciation over the past year, rising at least a dollar a kilo on this time back in 2021. Both contract prices are higher than other premium beef categories currently, including Certified Organic, EU and Certified Grassfed.



The dramatic rise reflects just one thing: the extraordinary price level that feeder cattle are currently enjoying.

The market has found a level this week, with domestic weight feeder steers 300-380kg ex Darling Downs currently trading at around 650c/kg liveweight (heifers 20c less), and heavier feeder types 400-500kg for 100-day programs, making around 570c/kg.

Apart from a brief spike in December when heavy feeders got to around 585c, before drifting back to a 560 in January for reasons described below, these are all-time record highs for feeder cattle in Australia.

January is generally a period of short feeder cattle supply, but equally, log-jams in feedlots caused by lack of processing space last month due to Omicron infection among plant staff reduce some demand for feeders until space opened up.

In comparison, forward contracts on 100-day HGP-free export-weight cattle for May-June delivery are currently are around 900-910c/kg, suggesting lighter trade-weight Coles/Woolies grainfed cattle are making a premium of around 100c/kg over export weights.

“Grain price is still only around \$360 a tonne, so the only thing that will see this record high contract slaughter cattle price shift is a retraction in the value of feeders, from their current red-hot levels,” one supermarket contract holder told Beef Central this morning.

“But while it continues to rain and herds continue to rebuild, this seems to be around the market for feeders, going forward.”

Another factor driving domestic feeder prices over the past 12 months has been the very low rate of female kill, with many heifers being directed into breeding, rather than feeding programs.

Historically, some domestic supermarket processors have seen up to 70 percent of their production made up of fed heifers, but that figure has dropped dramatically due to restocker pressure since the drought recovery started.

Some domestic-weight grainfed programs may now be 40-50pc females or less, one supply chain stakeholder said, which was putting even greater pressure on available domestic feeder steer supply and prices.

Current dialogue, including MLA’s recent Industry Projections, suggests herd rebuilding will continue for at least another 12-24 months, suggesting it will be some time yet before heifers again supply a larger proportion of fed domestic cattle.

Swaps Index

A new Swaps hedging product coming to market in coming weeks, has been compiling a weekly price index series based on flatback feeders 380-480kg 0-2 teeth, delivered Darling Downs. More than 20 supply chains are contributing data to the index model.

In its most recent report issued Friday last week, it had feeder prices similar to the week before averaging 558c/kg, but said the spread of pricing had increased, as participants looked for direction in the market. Prices reported ranged from 540c/kg to 570c/kg.

Retail prices reaching new high-ground

In online retail supermarket portals visited this morning Woolworths currently has scotch fillet steak at \$43/kg and rump at \$30/kg – both record highs – and in direct response to record prices being paid for contracted slaughter cattle across eastern Australia.

Product shortages are still apparent, with Certified Organic being the only beef mince item displayed by Woolworths online, selling on special for \$23/kg.

Coles also continues to have ‘temporarily unavailable’ items online, listing three-start beef mince at \$13/kg, rump at \$33.30/kg and scotch fillet at \$43/kg. Significantly, Coles has started listing pricing on some beef items on a ‘per 100g’ basis, rather than ‘per kilogram.’

NUEVA ZELANDA: record en sus exportaciones de carnes bovinas en 2021

07/02/2022 Las exportaciones cárnicas neozelandesas superaron los 10.000 millones de dólares en 2021 de acuerdo con la Asociación de la Industria de la Carne (MIA) de dicho país. El incremento registrado fue de un 9% respecto a 2020.

Sirma Karapeeva, directora ejecutiva de MIA, dijo que el sector ha trabajado incansablemente frente a los desafíos logísticos globales en curso para continuar logrando los mejores resultados posibles para los ganaderos y las 25.000 personas que trabajan en la industria y para la economía de Nueva Zelanda.

“El sector continúa funcionando para Nueva Zelanda en las condiciones más difíciles. Sin embargo, los desafíos de la cadena de suministro interrumpirán significativamente las exportaciones durante algún tiempo y aún no sabemos qué impacto tendrá en el comercio de productos refrigerados de Pascua. Esto ilustra muy claramente cuán crítico es para la industria tener acceso a suficiente mano de obra, incluidos los inmigrantes en el extranjero, para capturar el mayor valor de mercado y respaldar los trabajos de miles de kiwis que trabajan arduamente”, asegura.



En general, las exportaciones de carne de ovino y de vacuno aumentaron un cinco por ciento y un nueve por ciento año tras año, respectivamente, con un valor de más de 4.000 millones de dólares neozelandeses. Las exportaciones de subproductos también aumentaron en un 19 por ciento, a casi 2.000 millones.

Karapeeva dijo que, si bien se ha producido un cierto debilitamiento en la demanda china de carne de ovino desde los altos niveles anteriores, los precios en China se han mantenido fuertes. Los volúmenes totales de exportación de carne de ovino a China cayeron un 15 por ciento en el cuarto trimestre. Sin embargo, el valor de las exportaciones de carne de ovino a China aumentó un tres por ciento en el mismo período. China siguió siendo el mayor importador general del trimestre (41 %), seguido de EE. UU. (20 %), el Reino Unido (4 %) y Japón (4 %).

Si bien los mercados generales de carne de ovino cayeron un ocho por ciento en volumen durante el trimestre, aumentaron un 17 por ciento en valor. Los volúmenes de carne de ovino a China y el Reino Unido cayeron un 15 % y un 6 %, respectivamente.

Sin embargo, hubo aumentos en una serie de mercados, incluidos los EE. UU. (+15 %), los Países Bajos (+59 %) y Francia (+34 %).

China fue el mayor mercado de exportación de carne de vacuno, seguida por Estados Unidos y Japón. Los volúmenes de exportación de carne vacuna a China fueron los mismos que en el último trimestre de 2020, un 46 % del total, pero aumentaron un 33 % en valor.

Las exportaciones a los EE. UU. cayeron un 15 por ciento en volumen, pero aumentaron un 16 por ciento en valor. Las exportaciones a Japón se mantuvieron iguales en un siete por ciento del volumen, pero crecieron un 39 por ciento en valor.

EMPRESARIAS

Tyson Foods: ganancias acrecentarán críticas por aumentos en los precios

07 February 2022 Tyson Foods will post the results for its beef business later today

Tyson Foods Inc is expected to post strong results for its beef business in a quarterly earnings report on Monday, as the Biden administration's criticism of high meat prices and fat profits for processors continues to mount. According to Reuters, increased operating margins could attract more unwanted scrutiny from Washington for Tyson and three other industry behemoths that slaughter about 85% of grain-fattened cattle carved into steaks for consumers, analysts said.

The Biden administration, concerned about rising prices, said it plans to spend \$1 billion and issue new rules to address a lack of "meaningful competition" in meat processing.

Arun Sundaram, senior equity research analyst for CFRA Research, estimates margins for Tyson's beef unit reached 16% in October to December 2021 - the first quarter of Tyson's financial year - due to higher meat prices. Margins were 13.2% a year earlier, when the unit reported quarterly sales of nearly \$4 billion.

Analysts expect Tyson's quarterly revenue from all its units including beef to come in at \$12.177 billion, up 16% from a year earlier, according to Refinitiv Eikon.

The company is caught between its responsibility to boost profits for shareholders and the risk of increased government scrutiny, Sundaram said.

"I think they're in a tough spot," he said.

Tyson said meat prices increased due to market factors including the pandemic and severe weather and that the company raised prices to combat inflation.

In the quarter that ended on 2 October, Tyson said average beef prices soared 32.7% and the unit's operating margins were 22.9%.

Ben Bienvenu, Stephens Inc managing director of food and agribusiness, estimated Tyson's beef margins were up 15% in the latest quarter amid robust demand.

"There's been a willingness of consumers to absorb higher prices," Bienvenu said.

Meatpacker JBS SA this week agreed to pay \$52.5 million to settle litigation accusing US beef processors of conspiring to limit supply to inflate prices and boost profits. The settlement renewed calls among US senators for legislation to improve transparency in the beef market.

08 February 2022 Elevated meat prices bolster profits

Tyson Foods Inc shares climbed more than 11% to an all-time high on Monday after the company reported that first-quarter profits nearly doubled due to soaring US meat prices, reported Reuters.

Shares rebounded from a one-month low on Friday to reach a record \$99.20, up 14% from the start of the year.

The surge reflects strong demand and high prices for Tyson's beef, pork and chicken, as US labour shortages have limited production.

"Customer demand continues to outpace our ability to supply product," Chief Executive Donnie King said.



Increased prices and profits threaten to amplify Washington's scrutiny of the US meatpacking industry, as the Biden administration has criticised a lack of competition in the sector.

Tyson and three other industry behemoths slaughter about 85% of grain-fattened cattle carved into steaks for consumers.

The average price for Tyson's beef surged 31.7% in the quarter ended on 1 January, while the unit's operating margins jumped to 19.1% from 13.2% a year ago. Average prices for all of Tyson's products climbed by 19.6%.

Overall sales for beef soared about 25% to \$5 billion, helping Arkansas-based Tyson's sales rise 24% to \$12.93 billion in the quarter. Analysts, on average, were expecting revenue of \$12.18 billion, according to IBES data from Refinitiv.

Net income attributable rose to \$1.12 billion and excluding items, Tyson earned \$2.87 per share, beating estimates of \$1.95 per share.

Tyson said it raised meat prices to offset higher costs for labour, transportation and grains used for animal feed. Its cost of goods rose by 18% in the quarter, and King told reporters he expects grain prices will continue to rise.

To respond, Tyson restructured its chicken pricing strategy to make it more flexible and has asked customers to pay for freight rates that jumped 32%, King said.

"They're dealing with a very inflationary environment across kind of all their businesses," said Adam Samuelson, lead agribusiness analyst at Goldman Sachs.

Athena Foods queda dentro de Minerva Foods tras una revisión de la estrategia empresarial

08/02/2022

Minerva Foods es una de las principales exportadoras de carne de vacuno de toda Latinoamérica. Opera en varios países sudamericanos a través de una de sus filiales, Athena Foods, que se acaba de unificar dentro de la compañía.

La operación coincide con un cambio de imagen corporativa de Minerva Foods con la que se busca una comunicación más moderna y clara camino del 30 aniversario de la compañía.

"El cambio refuerza nuestra presencia global de forma unificada como una sola cultura, una sola empresa y un solo equipo. Dondequiera que estén nuestros clientes, Minerva Foods estará presente como una marca consolidada y esta unión es el resultado de la evolución que ha venido experimentando la compañía en los últimos años. Presentamos una identidad única, aún más moderna y renovada, pero que lleva consigo toda la tradición e historia de la compañía", explicó Fernando Queiroz, CEO de Minerva Foods.

Minerva Foods mapeó a la totalidad de sus proveedores directos en Paraguay

9 de fevereiro de 2022 A Minerva Foods, maior exportadora de carne bovina da América do Sul, informou que se tornou a primeira empresa do segmento a monitorar 100% de seus fornecedores de gado no Paraguai.

No Chaco Paraguai, a Minerva afirma contar com mais de 3 mil fazendas fornecedoras. Na região, já tem 11,8 milhões de hectares mapeados por meio do sistema SMGeo, desenvolvido pela NicePlanet Geotecnologia a partir de imagens via satélite.

No Brasil, a companhia monitora seus fornecedores diretos desde 2020, e agora concentra esforços e tecnologias para ampliar o olhar aos indiretos. O controle das práticas dos fornecedores indiretos tem se mostrado o maior desafio dos frigoríficos no país, mas a Minerva Foods tem obtido resultados positivos também nessa frente.

Como já informou o Valor, em auditoria feita de janeiro de 2018 a junho de 2019 o Ministério Público Federal do Pará atestou que nenhum gado comprado pela companhia no Estado no período saiu de áreas com desmatamento ilegal após 2008 ou sobrepostas a terras indígenas e a unidades de conservação, de propriedades embargadas pelo Ibama ou sem Cadastro Ambiental Rural (CAR) e de fazendas com trabalho análogo à escravidão.

Somados os biomas brasileiros e paraguaio, a área monitorada pela empresa soma 26 milhões de hectares. E o objetivo é alcançar 100% de cobertura nos demais países sul-americanos em que atua nos próximos anos. Na Colômbia, onde tem mais de 3 mil fornecedores diretos, a meta é 2023; no Uruguai (1,8 mil fornecedores), 2025; e na Argentina (1,5 mil fornecedores), 2030.

Nos vizinhos da América do Sul, os negócios da Minerva são reunidos na subsidiária Athena Foods, que no terceiro trimestre do ano passado faturou R\$ 4,4 bilhões, montante que representou 56% da receita bruta total da companhia brasileira.

Somadas todas as operações, as exportações costumam representar cerca de 70% dos negócios da Minerva, que responde por uma fatia de 20% dos embarques de carne bovina da América do Sul.



Em geral, os esforços da Minerva estão em linha com suas metas de eliminar o desmatamento ilegal em sua cadeia de fornecimento até 2030 e de zerar as emissões líquidas de carbono até 2035. Nesse trabalho, os investimentos previstos são da ordem de R\$ 1,5 bilhão.

BPU en alianza con Montes del Plata hará la primera exportación de carne carbono neutral

por Cecilia Ferreira febrero 9, 2022

La semana pasada BPU recibió la certificación final del cuerpo independiente que lleva adelante el proceso y en los próximos días se estará consolidando la primera exportación de carne carbono neutral en alianza con Montes del Plata.

La clave está en colocar la mayor parte del animal. “El esfuerzo tiene que ser colocar la mayor cantidad de cortes, eso lleva su tiempo”, dijo el asesor de BPU Meat, Daniel de Mattos, entrevistado por Tiempo de Cambio de radio Rural.

Esa carne tendrá como destino Japón, en acuerdo con una cadena de supermercados. “Se estarán enviando cortes de delantero, algunos cortes finos y algunos cortes de la rueda. Va a ser bastante completo”, detalló.